

ambiente

magazine



Assunção Cristas, NOVA School of Law

“O oceano é o suporte de vida básico no planeta”

Economia do Mar:
As oportunidades azuis que Portugal não pode deixar

Municípios enquanto “aliados” do Governo no combate às alterações climáticas

Hidrogénio: O papel, as vantagens e os alertas do hidrogénio rumo à descarbonização

Mútua dos Pescadores:

O grande segredo é estar ao lado das pessoas no momento certo

Desde a sua criação, em 1942, até hoje, a Mútua dos Pescadores fez o seu caminho com os pés bem assentes na terra e os olhos no mar. Há 79 anos com o mar como horizonte, o mesmo mar de onde sempre se quer regressar, em segurança, e que tem orientado a sua história.

Um mar carregado de vida e de esperança, de aventura, conhecimento, ciência. E de risco, sobretudo para quem depende dele para viver. Um mar ameaçado também pelas indústrias crescentes nalgumas zonas do País, que afastaram o peixe e contribuíram para empobrecer os homens. Que não obstante, não se acomodaram e preconizaram algumas das mais emblemáticas lutas ambientais, como aquela que ficou conhecida como a “primeira greve verde” do País, que aconteceu em Sines em 1982, fruto de descargas poluentes na costa Norte com origem no imenso complexo portuário e industrial aí localizado desde a década de 70, que provocou um choque social e ambiental na zona, impactando a vida de toda a comunidade, em particular dos agricultores e pescadores. Como se o progresso pudesse acontecer à margem da vida das pessoas, e como se a vida das pessoas pudesse acontecer à margem dos recursos disponíveis.

E sobre este mar simultaneamente símbolo e fonte de vida continua este jogo de contradições, opondo-se pescadores e cientistas, como se não fosse a linguagem e o saber, a cultura de ambos, as ferramentas essenciais para a proteção deste recurso comum. Enquanto continua a pesca ilegal a concorrer para a sobre-exploração dos recursos, o problema dos plásticos, em particular dos micro-plásticos que entram na cadeia alimentar, bem como outras fontes de poluição industrial.

A história ensina-nos que todas as soluções à margem das pessoas são estéreis e que o compromisso tem que ser com as pessoas e o bem comum.

Na Mútua tem sido esse o mote. Quando em 1974, fruto do 25 de abril, deixa de ser uma Mútua a que os pescadores estavam obrigados a vincular-se, para passar a ser de adesão voluntária, ou quando em 2000, respondendo a neces-



sidades nas comunidades ribeirinhas, passa a proteger todas as atividades marítimas, no trabalho e no lazer, da Náutica de Recreio e atividades Marítimo-turísticas.

Ou em 2004, quando se transforma na 1.ª cooperativa de utentes de seguros portuguesa, e ainda quando passa a proteger todas as atividades económicas, as associações, as entidades do setor público e do setor cooperativo e social, bem como todas as pessoas e os seus bens. Sempre Mútua e solidária, o seu grande segredo é estar ao lado das pessoas no momento certo. Ao longo da sua história apoiou os pescadores, suas famílias e organizações; desenvolveu e apoiou iniciativas no âmbito da segurança marítima por todo o país. E em nome desta segurança tem estado ao lado de iniciativas de caráter ambiental, da defesa de melhores condições de trabalho e valorização do pescado, da investigação e da cultura, e da defesa de uma formação

mais direcionada e que dignifique a profissão.

E hoje volta a estar na “linha da frente”, porque em tempos de pandemia as dificuldades continuam a ser muitas. Cuidou primeiro dos seus setores mais fragilizados - Pesca e atividades Marítimo-turísticas. E então, sabendo que ninguém poderia ficar para trás agilizou procedimentos e flexibilizou o pagamento de prémios com moratórias de prazos antes da Lei o exigir e para além do que a Lei passou a obrigar: adotou 90 dias de moratória, quando a Lei exige 60, e aplicou esta orientação para todos os seguros, quando a Lei exige apenas para os seguros obrigatórios.

Ontem como hoje a identidade solidária da Mútua dos Pescadores será o maior garante do futuro desta Cooperativa de Utentes de Seguros e a certeza de que continuará a fazer pontes e não contribuir para aprofundar mais mares de contradições. “